

## 5

### Conclusão

A eclesiologia de comunhão é um instrumento importante para aqueles que desejam compreender que a Igreja que está no Brasil se parece tanto, por exemplo, com a que se encontra no Chile.

Desde a definição de comunhão como expressão da Trindade, do ardor cristão que sustenta e une a Igreja, bem como da disposição de irmãos que se dispõem a ajudar seus semelhantes até a necessidade de a Igreja buscar colocar-se junto aos seres humanos sem exigir-lhes sacrifícios profundos como o abandono da própria cultura, percebe-se a *koinonia* como princípio congregador. Em primeiro lugar, as palavras de Jesus “que todos sejam um” (Jo 17,21) sintetizam a necessidade de unidade entre os cristãos como forma de manterem viva a chama dos ensinamentos do Mestre podendo, assim, difundir com fidelidade e coerência sua vontade de que todos sejam seus discípulos (cf. Mt 28, 19). Portanto, é necessário que se anuncie em gestos e palavras aquilo que se aprendeu e a unidade parece ser um critério dessa coerência. Em segundo lugar, o Concílio Vaticano II, através de seus documentos admite uma disposição e mais, uma necessidade de a Igreja se colocar unida diante do mundo, sobretudo na questão de abertura ao diálogo com as demais confissões religiosas e numa maior consideração do laicato como “porção” e não como simples participante da ação eclesial. Em resumo, a comunhão permite aos cristãos buscarem elementos que os unam e concretizem, assim, as palavras do Senhor, que ora ao Pai pela unidade de seus seguidores. Em terceiro lugar, Levando-se em consideração Tillard, a Igreja se mantém a partir da comunhão fundada na Santíssima Trindade e é neste fundamento que se assenta a perenidade do conjunto dos seguidores de Jesus. Com isso, a comunhão, conhecida e compreendida pelos fiéis, expressa uma Igreja consciente de que precisa estar atenta aos desejos daquele que lhe dá origem, o Cristo. Isso faz com que se considere os pontos convergentes entre aqueles que também seguem o Senhor. Sendo essencialmente comunhão, a Igreja de Jesus congrega todos os seus seguidores e sobre esse princípio está baseado o ecumenismo.

A partir de sua origem a Igreja se faz presente em todas as partes do planeta, procurando dar testemunho da unidade da qual advêm, buscando ser coerente, promovendo o diálogo e tratando como irmãos a todos os que professam fé em Jesus.

A comunhão é, a partir do que vimos, o elemento que impulsiona a Igreja e congrega os homens em torno de propostas que permitam a consideração do outro como próximo e de pessoas não como simples indivíduos, mas como protagonistas no mundo.

Os cristãos não são pessoas destacadas do mundo. São seres humanos que resolveram seguir Jesus Cristo e devem ser coerentes nesse seguimento. A pastoral surge como forma coerente de vivenciar o Evangelho. Para recordarmos Libânio, a sociedade é lugar de conflitos e por isso necessita de elementos conciliadores cujo único interesse seja a justiça social. Novamente temos a comunhão como forma de congregar pessoas em torno de um objetivo através da ação pastoral. O protagonismo do laicato dá à Igreja a presença ampla da qual necessita para continuar fazendo discípulos para o Senhor (cf. Mt 28, 19). Nesse caminho de constituição de seguidores de Jesus há problemas que ferem a dignidade humana e os cristãos comprometidos com os valores evangélicos não concordam com isso, daí um dos motivos para a existência de movimentos transformadores de ordem injusta em uma ordem justa, as pastorais.

Dentro do horizonte pastoral encontramos a opção preferencial da Igreja pelos pobres. A realidade da América Latina onde a pobreza se manifesta de maneira cruel e onde católicos são explorados por outros católicos é um terreno fértil para aqueles que acreditam que devem tomar partido, ao lado dos que sofrem. Nesse terreno se faz fundamental a ação pastoral, sobretudo no âmbito social, criando consciência crítica e substituindo o sofrimento pelo protagonismo e pela esperança. Isso nos ajuda a perceber a comunhão como consideração do outro como semelhante, sobretudo em dignidade, em resumo não se pode, enquanto cristão comprometido, considerar normal que uns tenham tanto e tantos tenham nada ou muito pouco.

A Igreja de Duque de Caxias e São João de Meriti se coloca ao lado dos irmãos que sofrem no Jardim Gramacho promovendo ações que lhes ajudam a romper a barreira da falta de perspectivas. No entanto isso parece pouco, visto que com a eminente extinção do aterro sanitário que se encontra instalado na região

muito se fala em desemprego entre os que vivem da reciclagem do lixo. Mas não se pode imaginar que a ação pastoral, por si só seja capaz de extinguir todas as necessidades das pessoas. Um exemplo simples é a continuidade da desnutrição, da mortalidade infantil apesar do excelente trabalho da Pastoral da Criança em todo o Brasil. Destarte, a atuação da Igreja no que diz respeito às mudanças necessárias para que a justiça social aconteça deve transcender a simples vontade de ver o outro bem, ou seja, é necessário que a força do conjunto dos fiéis promova a implementação de políticas públicas promotoras da dignidade humana que se tornem em leis e não em simples projetos, como os que existem na região de Jardim Gramacho.

A Comunhão estabelece vínculo entre pessoas que creem no Cristo, que decidem segui-lo de forma coerente e busquem traduzir em gestos aquilo que anunciam em palavras. Portanto, a eclesiologia de comunhão abordada por Tillard e discutida, embora de forma escassa, como dissera o teólogo, pelo Concílio Vaticano II, compreendida pelos fiéis pode se tornar uma ferramenta importante tanto para a consideração destes por si mesmos como elementos fundamentais para conferir à Igreja presença em todas as partes do mundo, quanto para uma forma didática de se buscar um bom diálogo entre os cristãos de confissões diferentes. Também é necessário levar em conta que a compreensão dessa eclesiologia pode oferecer às pessoas uma concepção de realidade que abarca todos os seres humanos como iguais e, portanto, como seres que devem se apoiar mutuamente e não se destruírem em virtude de suas diferenças.

Que Maria Santíssima nossa mãe, que, chamada à comunhão soube aceitar abraçando de corpo e alma a missão, nos ajude a contar sempre com a graça de Deus e nos fortaleça para lutar pela paz e solidariedade do povo de Deus.